

## **O labirinto traumático das palavras em *relicário de cuspes*, de Leonardo Valente**

Alexandra Vieira de Almeida – Escritora e doutora em Literatura Comparada (UERJ)

O novo romance de Leonardo Valente, *relicário de cuspes* (Besouros Abstêmios, 2023), se apresenta como um labirinto traumático em que as palavras vão ganhando uma dimensão tão dolorosa que as paredes que cercam este menino-homem protagonista o levam a uma jornada cujo sentido abissal é tentar atenuar o sofrimento causado pelos traumas de uma infância numa família e num mundo que o sangraram com as chagas profundas da agressividade verbal. Helena Terra, que escreveu a quarta capa, compara a obra de Leonardo, nesta parte dolorida, a de Raduan Nassar, que não se refere a “um copo de cólera, mas um copo de mar para um homem navegar, como nos vigorosos versos de Jorge de Lima”. A capa da obra, híbrida, por excelência, une o peixe-cruz aos girassóis, imagens recorrentes ao longo da narrativa, representa o mundo dessa região da caverna dos pensamentos e sentimentos de Carino, o menino-homem, que sofre a dor dos eleitos pelo Verbo. O Verbo funcionará como um atalho neste labirinto. O mar é a saída. A jangada conduz à luz da consciência em meio às águas do inconsciente.

Como dito numa entrevista de Leonardo Valente para o canal de Litera Tamy, o livro vai flertar com a psicanálise, pois a questão traumática é um feixe que percorre a trama ao longo das 172 páginas. Na epígrafe do próprio autor, assinada com as iniciais de seu nome e sobrenome (LV), temos: “Neste livro, interessa menos o que a palavra diz e muito mais o quanto machuca”. É esta a potência do livro – encontrar um caminho de redenção pelo próprio personagem que, ao não explicar o seu drama de infância, busca pela palavra garimpar o que está mais interna e profundamente escondido nas zonas mais sofridas do seu ser, os ditos cuspes, cujo relicário guarda como algo que deva ser secretamente levado à tona. Para isso, Valente se serve da força estética e do poder da literariedade dando voz às camadas e aos jogos literários que conduzirão o leitor a uma viagem junto com ele, adentrando seu interior mais líquido, cercado, porém, pelas paredes duras de um labirinto, que é o poder de guardar memórias, a retenção dos líquidos, para que nada se escoe e se perca, fazendo da narração um encontro com o “Choro”, a ponte entre as partes mais aquáticas, que são as emoções, e as partes mais densas, a jangada, a consciência que se aventura numa viagem, cujo fim não cabe aqui revelar.

Pontos são utilizados para separar as frases, iniciadas, no entanto, por minúsculas. Tal recurso, ao mesmo tempo, indica tanto a fragilidade do personagem como a continuidade das ondas do mar que vão e vem, ressaltando o ritmo, o som. O minúsculo do um, o ponto, impressiona por sua potencialidade em frases curtas e ligeiras, se tornando algo intimamente extraordinário no peito do ser-menino-homem. O ponto não é o final, subvertendo a lógica da gramática, mas uma mudança de ritmo na construção frasal, como as ondulações das ondas do mar, assim como as alternâncias de humor do protagonista. Há esperança no caos que o cerca? O entorno familiar é o ambiente principal de seu caos particular. O autor se vale do ponto final para dar relevo às frases como se fosse uma mordalha prestes a se fragmentar nas letras minúsculas dos afetos.

*relicário de cuspes* se inicia assim:

“água suja, as chagas vermelhas de Cristo, um prato de plástico amarelo com arroz, feijão e farinha sem bife e uma vela branca acesa no banheiro perfumado com alfazema. uma jangada partiu comigo da praia em direção ao mar ao som de Caymmi,”

O quanto de sinestésico percebe-se aqui, sensações contraditórias preenchem aquele ambiente interior, enquanto lá fora a paisagem soa como diferente e acolhedora, frente à ruína familiar.

E mais adiante:

“uma porta fechada, de madeira bem escura e com uma placa de metal cinza com letras pretas em relevo, dessas de automóvel, escrita mãe. não consegui abrir, sequer precisei meter a mão na maçaneta redonda de plástico que fingia bronze para saber se estava destrancada, estava, eu sabia, mas não consegui abrir, não consegui entrar. Choro.”

As frases são medidas como num ritmo poético numa prosa que não segue o padrão tradicional com início, meio e fim. O vento mostra-se forte sem ferir. Como a imagem do vento é aérea, se revela aqui como o pensamento, esta parte mais forte, o consciente, que conduzirá o personagem a um processo catártico de cura em meio à solvência do inconsciente. A lei da continuidade só é possível unindo as partes híbridas e diferentes, movendo as frases em consonância com os sentidos que se percebem no mundo ao redor do espaço da casa e vice-versa.

O choro que se repete é rascante e angustiante ao unir os dois pedaços, os dois fragmentos que não podem se perder, o dentro e o fora, o inconsciente e o consciente, o sentimento e

o pensamento. A comida apodrecida na pia, metáfora da ruína familiar que invade o exterior, faz o personagem entrar num verdadeiro delírio, em que o surrealismo tem sua ponte na arte magnífica de Leonardo Valente. O que é comestível é intragável, como a revelar o corpo de dor do menino-homem sufocado pelo abismo das coisas mais abjetas. Na imagem do mar contaminado pela tinta preta do caos, temos o contrário de uma epifania, o avesso da epifania, que é o debulhamento das coisas mais obscuras da alma: “mar escuro como caldo de feijão preto”. Assim, a busca do afeto, da afetividade é o Santo Graal de Carino, como o próprio nome diz. Dessa forma, sua escrita é um labirinto em que há passagens iguais, a partir do ritmo e da repetição, e trilhas diferentes, alternando o jogo dos mundos recorrentes e dos planos desiguais. O livro de Leonardo Valente é uma verdadeira obra-prima, como Helena Terra escreveu na quarta capa.

Há passagens de uma beleza encantadora e deslumbrante. Uma delas é aquela em que o personagem Carino passa por um momento de torpor e medo ao não querer atravessar as pedras pontiagudas de cuspes que poderiam levá-lo a um naufrágio mortal. Repentinamente, com sua jangada, ele se aventura e encontra o gosto da baunilha, algo leve e prazeroso em meio àquelas pedras, ilhas e *icebergs* de elementos terrificantes. Um momento atenuante de sua miséria humana. Diferente do cheiro da casa do menino, quando o pai lançava a fumaça do cigarro na criança, tão frágil e sofrida, com o pai, a porta da mãe e a tia. O pai e a tia são verdadeiros sádicos e gozam da dor de Carino. Yolanda aparece como catalisadora, que socorre o protagonista ao lidar com estes momentos dolorosos: “*Você não vai semeá-las, e sim arrancá-las como se faz com raízes daninhas. Foi o que começou a fazer. Não seria por elas que o chão está estéril?* retrucou Yolanda”. E o Carino, já na fase adulta, no tempo da narrativa, começa a escolher. Saber discernir qual rumo tomar, de forma mais integrada e consciente.

No meio da narrativa, há um capítulo, em forma de diário, que não segue a ordem cronológica do tempo, mostrando outra faceta do excelente recurso estilístico do autor, ao mostrar a confusão de momentos na vida de Carino ao longo dos anos, dando saltos para trás e para frente, de forma alternada. Estes capítulos-diários aparecem no decorrer do livro, conferindo maior dinamismo à trama e demonstrando o domínio das várias técnicas narrativas ao lidar com os gêneros literários. Isso já se revelou em outros de seus romances, como *Criogenia de D* e *O beijo da Pombagira*, de forma magistral.

A ideia de culpa é algo categoricamente cristão, pois, no mundo antigo clássico grego, não existia ideia de culpa, mas de uma *hamartía*, de erro. Carino vive cerceado pelos

outros por ser culpado de tudo. Nestes capítulos-diários, também, se lançam as culpas no pobre menino, fazendo-o ser alvo das más intenções daqueles que são mais próximos, seus pais e tia, como outros personagens, na igreja, na escola. Isso tudo corrói, da forma mais torpe e feroz, o universo particular dele, levando-o aos delírios com os elementos da casa e do mundo, fazendo a transição entre os dois e recorrendo à imaginação para poder lidar com a realidade cruel e aterrorizante daqueles que ele mais poderia amar, mas os afasta para o reino longínquo de sua mente a partir de sua sensibilidade. O que se busca é seu processo de individuação, como Jung estudou profundamente em suas pesquisas, que é sair do estado inconsciente para o consciente. E Carino não pode usufruir do princípio do prazer como fartamente Freud explicou, por ter sido tão ferido, fisicamente e verbalmente.

À medida que o romance avança, um *puzzle* surreal vai se adensando e cabe ao leitor decifrar o enigma juntando as peças para ver as impressões do exterior na vida de Carino. Esse mundo imagético é rico e pleno de imagens, que alternam o dissabor e o sabor das coisas, sendo o elemento sensorial algo determinante na obra. O sensorial une as partes que revelam aspectos jamais imaginados na obra, e isso aparece de forma mais contundente a partir da página 50, embora já tenha sido apresentado antes. As sensações têm textura de cores, misturando coisas aparentemente díspares, mas que se encontram pela paisagem estética no olho vertiginoso do narrador.

As descrições de objetos e coisas que contornam o ambiente de Carino, cuja alma está dilacerada e fragmentada, são amplamente utilizadas como processo de entendimento de seu universo íntimo. Yolanda é sua cúmplice para deixá-lo entender essa dor tão profunda e atingir o âmago de sua infância, período em que, segundo a psicanálise, se encontram muitos de nossos traumas. Carino diz: “Tenho vertigem”. Ao que Yolanda responde: *“Transforme a vertigem em revolução, o que você decidir enxergar será só seu. Não vejo outra forma de voltar a navegar”*. E por que este medo, este temor? Carino, às vezes, para, fica em estado de estaticidade. Seria uma forma de recompor suas memórias ou por medo de mergulhar mais fundo? Yolanda o ajuda em sua travessia para o mergulho e, por isso, suas frases vêm em itálico, como a voz de sua consciência frente ao desconhecido.

A partir da página 73, novos cuspes vão surgindo, guardados no seu relicário de insultos e palavras ásperas, mais tarde no colégio, na faculdade, no trabalho, com sua ex-mulher. No capítulo-diário, aparecem essas dores tão atroztes que queimam sua alma por dentro e que o levam a temer o mergulho. Carino pensa estar se enveredando por um caminho de

autodestruição, sobre o que Yolanda nada comenta. Esses momentos de estaticidade o levam a um momento de nulificação, de sentir um vazio incomensurável, o que é muito perigoso, se não souber fazer a travessia corretamente.

Nos capítulos-diários, se revela a grande quantidade de cuspes, um reservatório das memórias guardadas dos momentos mais tristes da sua história. A narrativa propriamente dita é um cerne literário para a trajetória de sua vida, num viés mais imaginário, dentro do plano do onírico e do sonho, pois os capítulos já mencionados têm um aspecto mais realista dentro da história, gerando uma obra múltipla, que dialoga com várias formas de narrar e funde elementos diversos ao se falar do sofrimento de um ser humano, além dos diálogos travados entre Carino e Yolanda, que se misturam na história. Nessa parte entre Carino e Yolanda, há uma linearidade maior, pois ele está ordenando sua dor, como a própria Yolanda diz com relação ao sofrimento de Carino. Dos outros capítulos mais oníricos, ele retira uma forma de organizar sua confusão interna nos capítulos-diários e nas seções em que o enfrentamento com Yolanda está em tela.

São poucos os momentos de felicidade para Carino no romance de Leonardo Valente. Em meio à desordem, à violência doméstica e à agressividade, a música torna-se um alento para ele, que fica extremamente feliz ao ganhar uma harpa da mãe. Entretanto, quando o instrumento, por falta de dinheiro, é devolvido pela mãe à professora que vende instrumentos musicais, Carino desaba novamente. Dinheiro, é isso que falta naquela casa pequena. Por isso, o menino faz seu show particular em frente à TV. A música tem o dom terapêutico de harmonizar e trazer muita alegria a quem entra em contato com ela. Carino procura uma trajetória de cura logo cedo, o que se estende cada vez mais fortemente na fase adulta.

Outras paixões do menino são a matemática e a geografia, outro respiro para suas mágoas e para o esfacelamento do ser, prestes a ser transformado num mero objeto e não numa pessoa de carne e osso, que sofre e sente na pele todas as contradições de uma família desajustada, que o feriu tanto física como psicologicamente, como nas vezes em que o cigarro do pai é jogado na cara do filho, o gozo sádico da tia, a mãe que tira o que lhe é devido.

Carino também tem uma relação de simbiose com a natureza, não apenas com objetos, pessoas e coisas. O espaço natural se mescla ao artificial, modulando o motor da natureza de acordo com as impressões internas do menino, contaminado com a face mais abjeta do

interior da casa. Dessa forma, o interior tanto da casa quanto o dele se hibridizam, de forma que mundos diferentes e além da realidade cotidiana são modificados, fazendo de *relicário de cuspes* um movimento incessante de mudanças em meio à repetição, cuja cadência a natureza suporta para que o todo não se fragmente em um caos sem volta, direcionando o menino para suas escolhas com relação ao que sente, pensa e vê.

Aos poucos, alguns capítulos são mais ordenados, sem os diálogos entre Carino e Yolanda, apresentando a contação de histórias em meio a outras formas de narrar, como a divisão dos dias e anos das seções-diários por partes fragmentadas, sem estarem reunidas num mesmo parágrafo. Isso se dá porque o narrador, à medida que vai avançando no texto, mostra seu poder de narrar e recolher os cacos para reuni-los novamente como uma colheita mais doce e menos fria, gelada e cortante como os cigarros do pai que machucaram sua pele frágil. O processo terapêutico durante o romance é crucial para ele mergulhar neste mar escuro com sua jangada, imagem arquetípica do ser humano que procura por sua intensa viagem interior como processo de autoconhecimento. E mais adiante, na obra, percebemos que ele alterna capítulos maiores e capítulos curtos, como a mitigar a dor a partir de uma pausa maior para um mergulho mais profundo depois. É necessário um respiro para que suas memórias sejam organizadas de forma mais precisa e radical, para que o processo de regeneração do ser ocorra. E o mar o contorna para que a jangada consiga fazer uma travessia mais tranquila para retirar do abismo o encontro consigo mesmo e com a dor tão pungente que o dilacera.

Portanto, na obra magnífica, estruturalmente organizada, com tessitura bem urdida, percorremos o labirinto dos medos, sonhos, repressões, insultos, castigos, prazeres, tudo misturado no relato do menino-homem Carino, que se transforma em dois, o menino do passado e o homem do presente. Uma frase de Nietzsche bem resume a viagem de Carino ao longo de sua vida: “A consciência é uma garrafa vazia no oceano de afetos em um maremoto”. Que o livro bem trabalhado por Leonardo Valente conquiste cada vez mais visibilidade dos críticos e emocione cada vez mais leitores que compreendam a riqueza literária do escritor que nos apresenta um livro de grande densidade e potência poética.